

TERAPIA E INTEGRAÇÃO SOCIAL: um trabalho da psicologia junto aos autistas

THERAPY AND SOCIAL INTEGRATION: a psychological approach with autistic individuals

TERAPIA E INTEGRACIÓN SOCIAL: un trabajo de la psicología con personas autistas

 Joelma Caparroz¹

1. Profa. Esp. em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte Paulista – UNORP. Mestranda em Psicologia pela Universidad Europea del Atlántico. Diretora do Instituto da Vida e Professora no Centro Universitário de Rio Preto, UNIRP. E-mail: psi.caparroz@gmail.com.

ABSTRACT: The aim of this article is to provide a foundation for introducing the theoretical and methodological fundamentals of social therapy and its practical application as a group intervention. This approach is developed from a postmodern Marxist perspective and is inspired by Vygotsky's developmental theory. Social therapy is a performative form of therapy that remains relatively unknown in Brazil. In this article, we first present the historical development of this perspective and its main authors. Following this, we discuss its concepts and methodology, and finally, we explore its practice and group work approach, which are the hallmarks of this therapy. With its focus on building group cohesion and promoting emancipation, social therapy is presented as a powerful approach for group work aimed at fostering social change.

Keywords: Cognitive skills. Education. Diversity. Autism.

RESUMO: O objetivo do artigo é fundamentar a introdução aos fundamentos teórico-metodológicos da terapia social e sua aplicação prática como intervenção grupal, desenvolvida sob a perspectiva marxista pós-moderna e inspirada na teoria de desenvolvimento de Vygotsky. É uma terapia performática ainda pouco conhecida no Brasil. Neste artigo, inicialmente, apresenta-se o percurso histórico de desenvolvimento dessa perspectiva e seus principais autores. Posteriormente, serão apresentados seus conceitos e metodologia e, por fim, sua prática e a forma de trabalho em grupo, marcas registradas dessa terapia. Tendo, em sua proposta, o foco constante na construção da grupalidade e na emancipação, a terapia social tem sido apresentada como possibilidade de trabalho grupal potente na construção da mudança social.

Palavras-chave: Competências cognitivas. Educação. Diversidade. Autismo.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es fundamentar la introducción a los fundamentos teórico-metodológicos de la terapia social y su aplicación práctica como intervención grupal, desarrollada desde una perspectiva marxista posmoderna e inspirada en la teoría del desarrollo de Vygotsky. Es una terapia performativa aún poco conocida en Brasil. En este artículo, inicialmente se presenta el recorrido histórico del desarrollo de esta perspectiva y sus principales autores. Posteriormente, se presentan sus conceptos y metodología y, finalmente, su práctica y la forma de trabajo en grupo, características distintivas de esta terapia. Con un enfoque constante en la construcción de la grupalidad y la emancipación, la terapia social se ha presentado como una posibilidad poderosa de trabajo grupal en la construcción del cambio social.

Palabras-clave: Habilidades cognitivas. Educación. Diversidad. Autismo.

Recebido em: 17/08/2024

Aprovado em: 16/09/2024



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

A psicologia, nos últimos anos, tem sofrido diversas transformações, respondendo à necessidade e demanda de um mundo globalizado e muito mais diversificado em suas formas e, conseqüentemente, em suas relações humanas, atitudes, crenças e valores. A psicologia vem ampliando seus horizontes de intervenção e pesquisa, deixando de estar majoritariamente restrita aos consultórios clínicos e atendimentos individuais, afirmando seu compromisso social e estendendo seu campo de atuação (BOCK, 1999). Pode-se notar que as contribuições dessa profissão já ocupam seu espaço e papel nos sistemas institucionais brasileiros, participando do sistema de saúde, da assistência social, do sistema educacional, das organizações, do sistema judiciário e do esporte.

Nesse movimento de ampliação da profissão, aparece a necessidade da geração de novos saberes e de novas práticas psicológicas, assim como a responsabilidade para responder ao novo cenário que se apresenta. Cenário este no qual as complexidades sociais, políticas e emocionais são fatores preponderantes, incitando a criação de intervenções psicológicas críticas e transformadoras, que apresentem inserção mais intensa na vida social e coletiva das pessoas.

Sendo assim, em resposta a esse novo cenário, e com base nas discussões pós-modernas, alguns profissionais têm buscado desenvolver uma prática mais emancipatória e menos estigmatizadora, que não se sustente nas dicotomias, na noção de sujeito como entidade autônoma, independente e separada de todas essas transformações que a sociedade globalizada, pós-industrial e tecnológica vem apresentando. Tais práticas psicológicas se voltam para a coletividade e para o caráter relacional e performático na construção dos sentidos do mundo, dos valores e da sociedade na qual o homem vive.

Neste artigo, apresenta-se uma versão possível de prática desenvolvida nesse novo contexto, conforme explicitado. Trata-se da terapia social, que foi sendo gerada e desenvolvida a partir de um movimento iniciado nos Estados Unidos, nos anos 1960, que se propõe emancipatório e revolucionário, apresentando a terapia de grupo como uma de suas práticas. Esse movimento nasceu no cerne de outro movimento, ainda maior, o movimento americano de contracultura.

O movimento de contracultura americano foi um movimento de resistência de uma população insatisfeita com o mundo corporativo norte-americano, com forte apelo romântico e bucólico, que buscava formas alternativas de viver. Muitos se mudaram para o campo, formando comunidades alternativas autossustentáveis e vivendo da natureza. Outros militavam contra a tecnologia e a ciência, acusando-as de poluidoras e destruidoras ambientais. Grupos políticos independentes também encontraram nesse movimento contexto para reivindicar o status quo norte-americano (Friedman, 2009).

Referencial Teórico

A terapia social, como tem sido propagada e praticada, foi desenvolvida principalmente a partir do trabalho de um filósofo, engajado em organização comunitária e política, e uma psicóloga, pesquisadora da área de desenvolvimento humano. Fred Newman e Lois Holzman são ambos interessados em desenvolvimento humano e mudança social. A metodologia de trabalho de grupo que propõem traz o conceito de desenvolvimento para o centro das atenções, não o desenvolvimento individual, entendido como algo linear e estrutural que acontece numa linha progressiva, mas, sim, o desenvolvimento como permanente atividade, que ocorre coletivamente e que possibilita a construção de novas ações e aprendizagens num movimento dinâmico, contínuo e dialético.

Na terapia social, é isso que se entende sobre o desenvolvimento que constrói o trabalho do grupo em si e, ao mesmo tempo, atribui a possibilidade de transformação na vida dos participantes. A abordagem metodológica, empregada na terapia social, foi inspirada na teoria marxista pós-moderna (Newman; Holzman, 2001) e em alguns conceitos da teoria do desenvolvimento de Lev Vygotsky (Newman; Holzman, 1993).

Fred Newman, na década de 1960, nos Estados Unidos, era um professor de filosofia que deixou a vida acadêmica para investir em organização política e comunitária. Cansado da tradição acadêmica que, segundo ele, vê o mundo de um ponto de vista teórico, filosófico e principalmente abstrato, Newman chegou à conclusão de que a mudança social seria mais efetiva fora da universidade, no cerne do ativismo político e do cotidiano das pessoas (Holzman, 2009; Friedman, 2009). Envolvido com o movimento de contracultura americana, que criticava ferrenhamente o individualismo, a competitividade e a alienação, Newman e seu grupo desenvolveram e conduziram organizações revolucionárias e comunitárias com ideologia, a qual denominaram marxismo pós-moderno.

Essa abordagem marxista pós-moderna, como se verá mais adiante, é inspirada em algumas das ideias principais da teoria marxista, tais como alienação, comodificação/mercadoria, dialética e, principalmente, a chamada atividade revolucionária, que diz sobre a atividade de mudar o mundo e a si mesmo, fazendo parte do mesmo processo, sendo ambas entendidas como revolucionárias e não podendo ocorrer separadamente. Ao mesmo tempo em que se inspiraram nessas ideias, esse grupo de Newman também expandiu o uso de tais conceitos, para pensar a questão da subjetividade e das relações humanas (Friedman, 2009).

O nome pós-moderno, nessa perspectiva apresentada, reporta ao rompimento com as verdades universais, com as dicotomias sujeito/objeto, subjetivo/objetivo, certo/errado, saber/senso comum,

buscando ampliar os discursos e sentidos possíveis, dando, assim, um olhar mais fluido, polissêmico e complexo para o mundo (Holzman, 2006a).

O pós-modernismo diz de um movimento que aponta o esgotamento da ciência moderna. Trata-se de duas épocas epistemológicas distintas que compõem as concepções de conceitos, de visão de mundo, de formação e legitimação do discurso social, histórico e científico. Enquanto o modernismo diz das ciências empíricas, do positivismo, do individualismo, da linguagem como representação do real, o pós-modernismo trata de uma perspectiva mais relativista, dialógica, de um contexto linguístico multifacetado e polifônico (Gergen, 1991). Pós-modernismo também se distingue da pós-modernidade, que diz de um movimento sociocultural e estético da sociedade contemporânea. Já o pós-modernismo caracteriza-se pela visão de mundo que pode vir a surgir dentro dessa condição da pós-modernidade (Pallares-Burke, 2004).

Adotando a perspectiva do pós-modernismo, a abordagem da terapia social vai além da análise marxista clássica que atribuía os problemas sociais predominantemente à luta de classes, num dualismo operário explorado/patrão explorador. Numa aproximação pós-moderna, não há uma busca metafísica pela verdade com V maiúsculo nem pelo descobrimento de leis acuradas e objetivas que expliquem como se vive.

A terapia social, como aqui apresentado, se desenvolveu teórica e metodologicamente inspirada em conceitos do movimento marxista pós-moderno e, principalmente, do psicólogo e educador russo Lev Vygotsky. Tais conceitos se interligam e se recriam, desenvolvendo a metodologia da terapia social, chamada, por Holzman e Newman, metodologia da ferramenta e resultado – tool and result methodology (Holzman, 2009; Newman, 1999).

De acordo com essa metodologia, ao se inserir uma ação de intervenção no grupo, esta se modifica e se transforma no decorrer do processo interventivo, sendo muitas vezes recriada, gerando alguns resultados que promoverão outras ações interventivas, num infinito contínuo. À medida que o grupo está explorando recursos para desenvolver, discutir, resolver uma determinada questão, essa própria ação de exploração já está ativamente transformando a forma de busca, levando, muitas vezes, a que a própria busca se transforme. Dessa maneira, o desenvolvimento alcançado não está separado da sua própria criação. Holzman aponta que esse entendimento se inspira e se legitima na teoria de Vygotsky, na qual desenvolvimento e aprendizagem são tomados como complementares e ocorrem concomitantemente (Holzman, 2009).

Isso faz da atividade de criação do grupo, dessa atividade dialética de processo e produto, ferramenta e resultado, busca-encontro-busca, o objetivo principal dessa terapia de grupo, sua maior potência, e não a tradicional busca por resultados específicos e determinados a priori (Newman, 1999). É por essa razão que a metodologia é chamada, por Holzman e Newman, ferramenta e resultado, pelo fato de ocorrerem juntos,

articulados, diferenciando-se do conhecido processo de aplicar uma ferramenta específica para alcançar um resultado desejado.

Essa terapia está intrinsecamente ligada à busca pelo método de Vygotsky. Método, aqui, é entendido, ao mesmo tempo, como pré-requisito para uma intervenção, além de seu resultado, quebrando a tradicional ideia de que método é uma ferramenta que, ao ser aplicada, conduz a um resultado específico. Para Vygotsky, método não está separado dos resultados, mas esses se influenciam e se transformam durante uma pesquisa ou intervenção, sendo compreendido como um processo. Por esse motivo, sob tal entendimento, método não diz de uma ferramenta em si, mas uma atividade, uma prática, uma busca que gera tanto a ferramenta como o resultado, não podendo ser separado dualisticamente, nem tampouco sendo tomado como o mesmo elemento (Holzman, 2009).

A compreensão de método de Vygotsky segue a mesma linha de raciocínio de sua concepção de desenvolvimento humano, uma concepção dialética, tanto como um processo quanto um produto, ou seja, tanto produzido em nós, pela cultura, sociedade e ambiente, como também produto de nós mesmos. Portanto, a metodologia da terapia social, baseada nessa compreensão de método, não está estruturada em intervenções planejadas a priori, visando resultado específico, mas em atividades que, constantemente, se criam e são criadas pelo grupo, que definem e redefinem o caminho a percorrer, o grupo a construir e, assim, seu desenvolvimento.

A terapia social, portanto, como foi visto, é prática terapêutica que está focada na atividade interativa de criação, sustentação e apoio do grupo, nas questões levantadas por ele, ajudando seus participantes a se desenvolver no sentido de gerarem recursos coletivos de ação e intervenção no mundo e em suas vidas, mais do que encontrar soluções para problemas individuais.

A terapia social é, por definição, uma terapia de grupo, apesar de essa se iniciar individualmente. As primeiras sessões são sempre individuais, preparatórias, para posterior encaminhamento ao grupo. Esse início geralmente dura de um a dois meses, podendo variar, segundo o paciente. O principal objetivo desse momento individual da terapia social é preparar o paciente para a particular forma de terapia de grupo à qual ele irá adentrar. Durante as sessões individuais, ele pode trazer sua motivação para a terapia, suas questões que, junto ao terapeuta, vão ser trabalhadas de forma a integrá-lo ao grupo (Holzman; Mendez, 2003).

Ainda, na terapia social, o grupo é geralmente composto entre 10 e 25 pessoas, sendo necessariamente um grupo heterogêneo. Isso porque não se está falando de entidades fixas, de emoções inatas ou de ferramentas específicas para se atingir um resultado, mas de performances com infinitas possibilidades de serem criadas; então, o objetivo é justamente desafiar identidades fixas, e, assim, um

grupo heterogêneo pode contribuir, principalmente, pela riqueza de possibilidades e questões que a diversidade de pessoas traz, auxiliando na ampliação da oferta de material de trabalho.

Mesmo após a formação do grupo, a entrada de novos membros é sempre negociável. A terapia social, de forma geral, questiona conceitos como loucura, problema, mudança e emoções, promovendo a redefinição coletiva de sentidos. Especificamente, objetiva ajudar as pessoas a experienciar o fator social, cultural e coletivo da existência humana, exercitando a criatividade, dando expressão à capacidade humana dialética de ser e se tornar e favorecendo a construção da coletividade e de novas histórias individuais e grupais (Holzman, 2009).

As novas histórias são criadas sempre numa relação ativa e direta entre o indivíduo e o grupo, numa autoria coletiva, promovendo engajamento e protagonistas. Como protagonistas, as pessoas passam a se responsabilizar mais por seus atos e emoções, assim como se tornam mais ativas no grupo terapêutico, no qual estão inseridas (Newman; Holzman, 1999).

Quanto à duração da terapia, não há tempo determinado de duração para o término do grupo ou para a alta de pacientes. Alguns ficam por anos e outros apenas alguns meses, a depender da própria motivação em se engajar nesse tipo de trabalho grupal.

Nessa perspectiva, alta e cura têm significados bastante diversos do que tradicionalmente está posto nas psicoterapias. Newman (1991) considera mudança, ou o que é caracterizado por cura na terapia, quando as pessoas se fortalecem e se transformam ao redefinirem sentidos que há muito tempo estavam estabelecidos e estigmatizados, e que as posicionava como passivas e meras espectadoras de suas vidas. Nesse processo de ressignificação coletiva, reconstroem-se outros sentidos no grupo e, dessa forma, as pessoas passam a ser agentes e protagonistas dessa nova configuração.

Essa forma de compreensão de cura na terapia social desconstrói também o entendimento de alta. Sendo a vida dinâmica e o desenvolvimento humano algo processual e contínuo, esse exercício de criar e recriar novas formas de ser e estar no mundo não tem fim. Portanto, o tempo do paciente em terapia e sua alta não é decidido pelo diagnóstico/prognóstico do terapeuta, mas, também, coletivamente, entre terapeuta, paciente e o grupo.

Assim, a terapia social funciona como um exercício coletivo de novas emocionalidades e produção de novos sentidos. Newman (1994) faz uma comparação com o exercício físico para a boa forma do corpo. O exercício coletivo emocional do grupo também promove indivíduos em boa forma com suas emoções. Esse processo não objetiva, no entanto, encontrar soluções aos problemas individuais de cada um, mas sim promover sua transformação em virtude da sua relocação e recriação coletiva de outras possibilidades, outras performances.

A duração de uma sessão é de noventa minutos. Os participantes trazem para a terapia suas questões a serem trabalhadas, sendo o desafio o como se conversa sobre tais questões, de forma a contribuir com a construção da grupalidade. O papel do terapeuta é auxiliar nessa construção da grupalidade, que se trata de atividade em que todos devem estar envolvidos e se desenvolver por meio dela, dialeticamente. Essa atividade favorece a construção da zona de desenvolvimento proximal. Há um trabalho conjunto de criação dessa zona, dessa atividade, que auxiliará o grupo a encontrar novas, criativas e potentes maneiras de estar no mundo. Os próprios membros do grupo, junto ao terapeuta, são responsáveis por criar um ambiente terapêutico, no qual novas atividades emocionais e novas performances possam emergir. Essas atividades favorecem a interação grupal e maior entendimento das emoções como da ordem relacional, tornando possível gerar uma atividade coletiva que escape da armadilha da emoção, como produto individual e solitário.

A emoção, sob a perspectiva da terapia social, é compreendida em seu caráter social e relacional, favorecendo assim maior interligação e proximidade entre os membros do grupo, tornando estes mais conectados entre si, fortalecidos pelo suporte grupal e mais articulados às suas emoções. Dessa forma, o exercício constante de construção da grupalidade vai incrementando o repertório do grupo na relação com suas emoções, na interação com seus membros e na performatividade coletiva. Assim, exercitando novas performances dentro do grupo, também se está construindo recursos de ação que podem ser exercitados fora do grupo.

Dessa forma, o terapeuta auxilia o grupo a conversar sobre os temas trazidos. Os membros do grupo podem trazer qualquer assunto para a terapia; no entanto, o mais importante é como conversam. O trabalho do grupo é desenvolver formas coletivas de se aproximar e interagir e, nessas conversas, criar novos sentidos. Nesse processo, o grupo vai percebendo sua potência na criação coletiva enquanto conversa, compreendendo o importante papel que possui nesse processo, produzindo novos sentidos e, ao mesmo tempo, se conhecendo melhor através dessa atividade coletiva.

Conclusão

Para a terapia social, a saúde mental individual está sempre interconectada à saúde mental coletiva, assim como com a saúde mental da sociedade, numa unicidade maior. Portanto, a mudança coletiva e social está intrinsecamente ligada à mudança individual, num interligamento sempre dialético. A terapia social se faz revolucionária também por fazer parte de um movimento maior, que desafia o *status quo*. Um movimento que investe na liberdade política, que investe em uma cultura e arte polissêmica, dando voz a valores periféricos e legitimando sua existência.

Por não se propor diagnóstica, interpretativa nem adotar um arcabouço de conceitos universais que determinam como uma intervenção deve ser conduzida, a terapia social é muitas vezes compreendida como terapia controversa. No entanto, seus autores consideram que sua força revolucionária e subversiva é justamente essa proposta de ser contextual. Sua forma de atuação se dá de acordo com o material de trabalho oferecido pelo grupo, desenvolvendo atividades emergentes de uma dada realidade local e em constante movimento.

Assim, a terapia social se apresenta como mais uma forma possível de se trabalhar sob uma perspectiva pós-moderna, que pode servir de inspiração para o desenvolvimento de trabalhos terapêuticos de grupo, oferecendo algumas ferramentas para o exercício da coletividade, do engajamento e da mudança social.

Referências

- BOCK, A. M. B. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 2, p. 315-29, 1999.
- FRIEDMAN, D. **Introduction toward a postmodern marxism**. [Texto não publicado, 2009]
- GERGEN, K. The emergence of postmodern culture. In: _____. **The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life**. New York: Basic Books, p. 111-38, 1991
- HOLZMAN, L. **Vygotsky at work and play**. New York: Routledge, 2009.
- _____. Activating postmodernism. **Theory & Psychology**, Calgary, v. 16, n. 1, p. 109-23, 2006a.
- _____. Lev Vygotsky and the new performative psychology: some implications for business and organizations. In: HOSKING, D. M; MCNAMEE, S. (Eds.). **The Social construction of organization**. Danksa: Liber & Copenhagen Business School Press, p. 254-68, 2006b.
- _____. MENDEZ, R. (Eds.). **Psychological investigations: a clinician's guide to social therapy**. New York: Brunner-Routledge, 2003.
- NEWMAN, F. A therapeutic deconstruction of the illusion of self. In: HOLZMAN, L. (Ed.). **Performing psychology: a postmodern culture of the mind**. New York/London: Routledge, p. 111-32, 1999
- _____. Re-doing the past: a few social therapy success stories and their morals. In: _____. **Let's develop: a guide to continuous personal growth**. New York: Castillo International, p. 77-90, 1994.
- _____. Community as a heart in a havenless world. In: _____. **The myth of psychology**. New York: Castillo International, p. 140-70, 1991.
- _____. HOLZMAN, L. All power to the developing. **Annual Review of Critical Psychology**, v. 3, p. 8-23, 2003.
- _____. Beyond narrative to performed conversation ("In the beginning" comes much later). In: HOLMAN, L. (ed.). **Performing Psychology, A postmodern culture of the mind**. New York/London, Routledge, p. 87-110, 1999.

_____. La relevancia de Marx en la Terapeutica del siglo XXI. **Revista Venezolana de Psicología Clinica Comunitaria**, Caracas, n. 2, p. 47-55, 2001.

_____. **Lev Vygotsky**: revolutionary scientist. London: Routledge, 1993.

PALLARES-BURKE, M. L. G. Entrevista com Zigmunt Bauman. **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 301-25, 2004.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical investigations**: bilíngue alemão/inglês. Oxford: Blackwell, 1958.

ZANELLA, A. V. et al. Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 25-33, 2007.